

## INIMIGOS ÍNTIMOS DA DEMOCRACIA: GOLPE DE ESTADO, TERRORISMO E AMEAÇAS DE GUERRA CIVIL NO BRASIL CONTEMPORÂNEO\*

ENEMIES OF DEMOCRACY: COUP D'ÉTAT, TERRORISM AND THREATS OF CIVIL WAR IN CONTEMPORARY BRAZIL

Evaldo Becker\*\*

### RESUMO

A atual situação do Brasil nos força a refletirmos acerca dos acontecimentos da cena política, no momento em que fatos históricos importantes encontram-se ainda no seu processo de execução e desdobramento. Refiro-me aqui à malfadada tentativa de golpe de Estado, perpetrada no dia 8 de janeiro de 2023. Em nosso entender, vivenciamos aqueles momentos que entrarão para a história e serão analisados e debatidos pelas gerações futuras. Eventos que bem poderiam fazer parte dos filmes de ficção mais distópicos, dadas as excentricidades da cena política de nosso país ao longo dos últimos anos. Delimitaremos nossa análise desde o golpe político jurídico que apeou do poder a Presidenta Dilma Rousseff em 2016, até a malfadada tentativa de golpe ocorrida em 8 de janeiro de 2023. Serviremo-nos fundamentalmente de três livros: “*Os inimigos íntimos da democracia*” do filósofo búlgaro, radicado na França, Tzvetan Todorov, traduzido em 2012, e *Golpe de Estado: história de uma ideia* do filósofo e Newton Bignotto, de 2021. Averiguaremos, ainda, *Le choix de la guerre civile: une autre histoire du néolibéralisme* organizado pelos membros do Grupo transdisciplinar de estudos do neoliberalismo e suas alternativas, Pierre Dardot, Haud Guéguen, Cristian Laval e Pierre Sauvêtre, publicado no Québec, em 2021.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasil; golpe de Estado; ataques à democracia; violência política.

### ABSTRACT

The current situation in Brazil compels us to reflect on the events shaping the political scene, as significant historical developments remain in the process of unfolding and taking shape. Here, I refer specifically to the ill-fated coup attempt that occurred on January 8, 2023. In our view, we are witnessing moments destined to enter history, to be analyzed and debated by future generations. Events that could easily belong to the most dystopian works of fiction, given the peculiarities of Brazil's political landscape in recent years. To better define our analysis, we might frame it as spanning from the political-judicial coup that removed President Dilma Rousseff from office in 2016 to the ill-fated coup attempt of January 8, 2023. It is this historical moment that will be the focus of our reflection. To aid our analysis, we will draw primarily on three books. The first is *Os inimigos íntimos da democracia (The Enemies of Democracy)* by Bulgarian philosopher Tzvetan Todorov, based in France, and translated into Portuguese in 2012. The second is *Golpe de Estado: história de uma ideia (Coup d'État: History of an Idea)* by philosopher and professor Newton Bignotto, published in 2021. Finally, we will also use the book *Le choix de la guerre civile: une autre histoire du néolibéralisme*, organized by members of the transdisciplinary Group for the Study of Neoliberalism and Its Alternatives – Pierre Dardot, Haud Guéguen, Cristian Laval, and Pierre Sauvêtre – published in Québec in 2021.

**KEYWORDS:** Brazil; coup d'État; attacks on democracy; political violence

---

\* Artigo recebido em 16/02/2025 e aprovado para publicação em 07/04/2025.

\*\* Doutor em Filosofia pela USP. Professor do departamento de Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [evaldob@gmail.com](mailto:evaldob@gmail.com).

Há alguns anos que venho me dedicando ao estudo da filosofia das relações internacionais e da filosofia da guerra e da paz, com ênfase em autores modernos tais como Grotius, Rousseau, Saint-Pierre e Bolívar, por exemplo. Contudo, a situação política do Brasil contemporâneo não nos permite seguir o método da coruja de Minerva, que alça seu vôo ao entardecer, após o desenrolar dos eventos. Infelizmente, o Brasil dos últimos anos apresenta uma cena política turbulenta e rica em eventos extremos, que exigem do estudioso da política uma análise e uma tomada de posição contemporânea em relação aos fatos mais importantes da política. Não dispomos do tempo de recuo que seria necessário para uma leitura menos passional, sob pena de enterrarmos o cidadão engajado junto com o cadáver do intelectual neutro.

O que quero dizer, trocando em miúdos, é que estamos no olho do furacão de movimentos políticos extraordinários e que precisamos nos servir dos referenciais clássicos para agirmos na cena contemporânea. Em nosso entender, vivenciamos aqueles momentos que entrarão para a história e serão analisados e debatidos pelas gerações futuras. Eventos que bem poderiam fazer parte dos filmes de ficção mais distópicos, dadas as excentricidades da cena política de nosso país, ao longo dos últimos anos. Para delimitar melhor nossa análise, poderíamos dizer: desde o golpe político jurídico que apeou do poder a Presidenta Dilma Rousseff em 2016, até a malfadada tentativa de golpe ocorrida em 8 de janeiro de 2023. É sobre este momento histórico que nos concentraremos em nossa fala.

Para nos auxiliar em nossa análise nos serviremos fundamentalmente de três livros: o primeiro deles *Os inimigos íntimos da democracia* do filósofo búlgaro, radicado na França, Tzvetan Todorov, traduzido para a língua portuguesa em 2012. O segundo livro que nos auxiliará neste percurso é *Golpe de Estado: história de uma ideia* do filósofo e professor Newton Bignotto, publicado em 2021. E finalmente nos serviremos também do livro *Le choix de la guerre civile: une autre histoire du néolibéralisme* organizado pelos membros do Grupo transdisciplinar de estudos do neoliberalismo e suas alternativas; Pierre Dardot, Haug Guéguen, Cristian Laval e Pierre Sauvêtre, publicado no Québec, também em 2021.

Começamos nossa reflexão lembrando que Todorov foi um dos principais pensadores da política na atualidade. Em seu *Os Inimigos íntimos da democracia*, publicado em 2012 e traduzido para o português e publicado pela companhia das letras no mesmo ano; o autor analisa, com rara acuidade, alguns dos maiores desafios da política contemporânea. Identificando tanto os inimigos

externos, mais evidenciados no cotidiano midiático e livresco, quanto os inimigos internos da democracia; o autor examina problemas candentes que geram o que ele designou como o “mal – estar na democracia”. Perpassando brevemente a história das principais ameaças que, no século XX, com o nazismo, fascismo e o comunismo de espírito totalitário, incidiram sobre o espírito democrático, ele avança para as ameaças terroristas que no século XXI se consolidam como um dos principais inimigos da liberdade humana. Isso, justamente pelo fato de que nossa sociedade tecnológica e urbana, possibilita que mesmo pequenos grupos terroristas causem pânico e mortes em larga escala.

Em *Inimigos íntimos da democracia*, contudo, a ênfase recai nas ameaças decorrentes do fato de que a democracia pode engendrar seus próprios inimigos. Inimigos identificados como o populismo, o ultraliberalismo e o messianismo, que são os verdadeiros inimigos íntimos do fazer democrático. Todos estes elementos estiveram presentes no golpe de 2016 e na tentativa, felizmente incompetente, do golpe de 2023.

Segundo Todorov, o povo, a liberdade e o progresso, que constituem o amálgama da democracia, devem ser pensados de forma interligada, pois a absolutização e o pensamento isolado de um único destes elementos pode se transformar em ameaça. A imposição da vontade de um grupo, seja majoritário ou não, que não atente para as diferenças e peculiaridades dos povos e das vontades; e que, em nome da verdade, do bem, da moral, da liberdade, da religião, do comércio, da segurança ou de qualquer outra bandeira e esquece ou não quer levar em conta os anseios e opiniões dos demais integrantes do corpo social e da humanidade, sempre acarreta visões simplistas, preconceituosas e antidemocráticas. O primeiro adversário da democracia, como bem lembra o autor, “*é a simplificação que reduz o plural ao único, abrindo o caminho para o descomedimento*” (Todorov, 2012, p. 19). Esquerda e direita por exemplo, ou cidadão de bem versus esquerdistas, etc...

Todorov demonstra em *Inimigos íntimos da democracia*, assim como já havia feito em *O espírito das luzes*, (Barcarolla, 2008) o seu apreço pelos valores desenvolvidos pelos filósofos das Luzes, quais sejam: tolerância, autonomia, laicidade, liberdade, humanidade e universalidade. Valores que constituem o que se chamou de modernidade e que foram e continuam sendo atacados por obscurantistas, fanáticos e neoliberais imperialistas. Ou seja: por todos aqueles que se recusam a respeitar a humanidade dos que pensam de forma diversa e autônoma. É com fanatismo e incompreensão que os inimigos da democracia atacam todos aqueles que aspiram à liberdade de

pensamento e de ação, e que percebem que não se pode simplesmente optar por liberdade ou por igualdade; que uma sem a outra é mera quimera ideológica e midiática.

E, nessa mesma tônica, o autor analisa, no capítulo cinco de seu livro, como a dita liberdade do mercado, cada vez mais, se dá em detrimento da liberdade dos indivíduos. E para aqueles que consideram o Estado como uma extensão de suas empresas privadas, que se preocupam em cortar custos e tyrannizar os cidadãos com metas e exigências demasiadas, Todorov lembra que o objetivo principal do Estado não é a rentabilidade, mas o bem-estar da população.

O filósofo franco-búlgaro examina ainda as várias facetas do que ele chama de messianismo político<sup>1</sup> e suas implicações no que concerne às restrições à diversidade de pensamentos e opiniões políticas e morais. Todorov esmiúça também as mudanças com relação ao uso da tortura, que, de um procedimento excepcional, passa nos últimos anos, a ser encarado como uma regra a ser seguida em nome da liberdade e dos direitos humanos; em uma retórica que faria corar os mais astutos hipócritas e demagogos que comandaram a política ao longo do globo. Sobre este fenômeno bizarro, importa citarmos textualmente o autor:

A tortura marca de maneira indelével o corpo dos torturados, mas também corrompe a mente dos torturadores. Progressivamente, a sociedade inteira se vê atingida por esse câncer insidioso, esse ataque ao pacto fundamental que liga uns aos outros os cidadãos de cada país democrático, pacto segundo o qual o Estado é o fiador da justiça e do respeito por todo ser humano. Um Estado que legaliza a tortura não é mais uma democracia (Todorov, 2012, p. 62).

Lembremos que o antigo presidente, o amante de jóias e de salários alheios, bem como sua ninhada, defendenderam inúmeras vezes e publicamente, a tortura e os torturadores. Esses mesmos senhores e seus grupos de seguidores fanáticos, que vociferavam as palavras: *Deus e Liberdade*, atacaram a diversidade religiosa e surfaram numa onda de conservadorismo neopentecostal fanático e medieval, que dominou a cena política nos últimos anos. A dita liberdade, tão apregoada por eles, não incluiu a liberdade de orientação sexual, nem tampouco a liberdade do uso de drogas,

---

<sup>1</sup> O autor examina desde os movimentos revolucionários, que em nome da razão e da liberdade, assumem a tarefa de conduzir os demais pelo “melhor caminho” mesmo contra a vontade do povo que será conduzido, tal como fora feito nas colônias dos países europeus; passando pelos projetos messiânicos comunistas que em nome da igualdade, aprisionaram mentes e corpos a uma utopia totalitária; até a insustentável e incoerente doutrina messiânica e neoliberal que visa “impor a democracia pelas bombas” legitimando a tortura e a falência das liberdades civis; todos são expostos à uma crítica radical de seus procedimentos e pressupostos.

nem mesmo a liberdade das mulheres abortarem os filhos que carregam em seu próprio ventre. Também não incluiu a liberdade dos trabalhadores escolherem livremente em quem iriam votar. Nas últimas eleições vimos inúmeros patrões pressionarem seus empregados num típico modelo de voto à cabresto, desencavado de nossa história passada. Chegamos à bizarrisse de não podermos escolher livremente nem sequer as cores das vestimentas que usávamos, e pessoas foram perseguidas e atacadas nas ruas e em outros espaços públicos e privados, por usarem roupas nas cores rosa ou vermelha, por exemplo. Parece simplesmente que a dita liberdade se resumia àquela de atacar adversários através do uso sistemático e em larga escala, de mentiras e calúnias.

Todorov havia denunciado em 2012, essa tática de usar publicamente termos como *liberdade*, para solapar as próprias liberdades individuais e coletivas. Esses exemplos estiveram bastante presentes em nossa história recente. Tais táticas, como percebemos agora, incluíam a compra de equipamentos de espionagem que foram amplamente utilizadas para invadir a privacidade de inimigos e desafetos incluindo juízes da Suprema Corte, num Estado policialesco e antidemocrático. As polícias e mesmo parcelas importantes das forças armadas, se sentiram muito à vontade para intimidar professores, estudantes e sindicalistas, que ousaram se opor à onda fascista que tomou conta de nosso país. A entrada de policiais e militares nas dependências das Universidades Públicas durante a campanha eleitoral de 2018, obrigaram o Supremo Tribunal Federal a determinar a proibição formal de tais atrocidades.

As paradoxais posições de grupos de extrema direita advogavam até alguns meses atrás, o direito à liberdade de propor a intervenção militar e o retorno da ditadura e conseqüentemente a perda de direitos e liberdades. Os inimigos íntimos da democracia circularam e ainda circulam livremente entre nós e o engajamento político de ordas de fanáticos, terraplanistas fascistas e nazistas declarados, deram ensejo à tentativa de tomada violenta do poder através de um novo golpe de Estado. A pergunta: vai ter golpe ou não vai ter golpe? foi banalizada no Brasil contemporâneo. Datas comemorativas como o 7 de setembro deram a ocasião para que o próprio presidente eleito ameaçasse os cidadãos e mesmo os membros das altas cúpulas do poder judiciário. Os termos “golpe de Estado” e “revolução” foram confundidos propositalmente nos últimos anos e, nesse sentido, faz-se necessário tratarmos desse tema candente.

Para tanto, nos serviremos das ideias de Bignotto, apresentadas no livro *Golpe de Estado : história de uma ideia*. Embora tenha sido publicado em 2021, para auxiliar na compreensão dos

golpe político jurídico de 2016, o mesmo pode nos auxiliar na compreensão do golpe naufragado de 2023.

No início de seu livro Bignotto nos lembra que o termo *golpe de Estado* “esteve longe de ter um significado único ao longo dos séculos” (Bignotto, 2021, p. 30). O autor nos apresenta as várias camadas de significados que o termo assumiu ao longo da História. Ele lembra que, mesmo antes de haver Estado, as tentativas de tomada violenta do poder, através do que se chamou de conjurações, sempre fizeram parte do arcabouço político das sociedades. Nesse sentido, não se trata de algo original, de uma novidade recente.

Segundo o autor, a primeira camada de significados de “golpe de Estado” está ligada ao pensamento acerca da “razão de Estado”, tal como pensada por Maquiavel e conceitualizada por Giovanni Botero e Gabriel Naudé, durante os séculos XVI e XVII. Essa primeira acepção possui um sentido que não é necessariamente negativo. Conforme Bignotto, embora Gabriel Naudé “não tenha inventado o termo golpe de Estado, o tornou conhecido” (2021, p. 30) o termo estava atrelado à ideia de busca da conservação do poder acima de tudo. Trata-se “do papel da força e da violência na política, sobretudo quando se trata da manutenção do poder” (2021, p. 31).

Convém lembrar que, no caso de Maquiavel, tal como argumentado no capítulo 41 do livro III dos *Discursos*, “quando se delibera sobre a salvação da pátria, não se deve fazer consideração alguma sobre o que é justo ou injusto, louvável ou ignominioso; ao contrário, desprezando-se qualquer outra consideração, deve-se adotar plenamente a medida que lhe salve a vida e mantenha a liberdade” (Maquiavel, 2007, p. 443)

Nesse caso, a ideia de golpe de Estado visa a preservação da pátria e da liberdade. Nesse sentido, e naquele utilizado por Naudé, o “golpe de Estado” se concretiza enquanto uma medida extraordinária. Conforme Michel Senellart: “Audácia, rapidez e surpresa: tais são os elementos do segredo verdadeiro, o golpe de Estado (*coup d’État*) cuja eficácia liga-se ao fato, precisamente, que não se pode dizer nada antes que ele se produza” (Senellart, 1992, p. 276). Poderíamos dizer que, nesse caso, o golpe de Estado poderia ser traduzido como um “*golpe de mestre*”, certo e inusitado, empreendido na tentativa de defender a pátria e a liberdade coletiva.

À essa primeira camada de significados, junta-se uma segunda, forjada ao longo do século XVIII, e implementada com a Revolução Francesa. Nesse momento, os conceitos de golpe de Estado e Revolução, ambos caracterizados pela tomada violenta do poder, passam a se distinguir,

e enquanto o conceito de “revolução” adquire , no mais das vezes, um significado positivo, o conceito de golpe de Estado passa assumir uma conotação negativa. Conforme Bignotto (2021, p. 31) “Alguns autores chegam a dizer que nada impede que um golpe de Estado venha a se transformar em revolução, mas a maioria dos intérpretes prefere manter a diferença entre as duas noções”.

Nesse caso consideramos que a distinção apresentada por Hannah Harendt (2011), possa nos ajudar. Conforme a autora, uma revolução resulta em mais liberdades e direitos para o povo, já o golpe de Estado desencadeia a redução das liberdades e dos direitos. Dessa forma, retrospectivamente, fica mais fácil distinguir um golpe de uma revolução. E no caso Brasileiro, já que nos últimos anos tentou-se definir o *golpe civil militar de 1964* como revolução ou “movimento de 64”, fica evidente a falha da narrativa, dado que, o referido golpe desencadeou a redução das liberdades individuais e coletivas e a supressão de direitos fundamentais, para além da implementação da tortura sistemática e da ausência de liberdade de expressão, através de uma censura brutal e cruel.

Resumindo, e voltando ao texto de Bignotto (2021, p. 32):

Com os acontecimentos do século XVIII, a noção de golpe de Estado ganhou uma segunda camada de significado. Sua associação com o emprego da força na arena pública não desapareceu, mas perdeu a conotação positiva associada à manutenção do poder soberano. Golpe passou a ser visto como uma intervenção forçada do ritmo da vida política em contraposição com outra forma de mudança radical das formas políticas que tinha, no entanto, um caráter positivo: a revolução.

Golpe passa a ser considerado negativamente e revolução passa a ser considerado positivamente. Por isso, muitos golpistas, incluindo aqui os golpistas brasileiros, tentam renomear as ações praticadas e transformar, ao menos do ponto de vista da narrativa, um golpe numa revolução.

Continuemos. O professor Bignotto detecta a emergência de uma terceira camada de significados ao longo do século XIX, no que ele chamou de “paradigmático” golpe de Luís Napoleão, de 1851. O *18 de brumário* acrescenta segundo o autor, uma terceira camada de significado. “Desde então, a análise dos golpes passou a ser comandada pelo arsenal teórico do direito e não mais exclusivamente da política. Golpe de Estado passou a ser olhado como um atentado às leis e à Constituição”(2021, p. 33). Bignotto cita a definição apresentada no final do

século XIX, no *Dictionnaire Littré*, segundo a qual o golpe de Estado será definido como “medida violenta pela qual um governo muda violentamente e fora das leis da Constituição”.

Finalmente, uma quarta e última camada de significados é acrescentada. Vejamos nas palavras do autor: “uma quarta camada de significado seria agregada à noção no século XX.” Ele menciona o autor Curzio Malaparte como sendo um dos principais responsáveis pela emergência desta mudança final na compreensão de golpe:

Para ele o golpe existe na superfície das sociedades, como algo que surge numa circunstância específica de que se aproveitam os atores mais determinados e que compreendem que estão diante de uma brecha nas instituições da qual é possível se aproveitar para ocupar o poder.. [...] Esta é a quarta camada: uma associação entre golpes de Estado e o mundo da técnica no qual vivemos (Bignotto, 2021, p. 34).

Acredito que a exposição destas 4 camadas de significados, realizada de forma extremamente competente e erudita pelo professor Bignotto, nos fornecem instrumentos conceituais para compreendermos melhor o Golpe de 2016 e o porquê dele ter dado certo. Mas também nos ajuda a compreender porque o golpe de 2023, felizmente não vingou.

No caso de 2016, se considerarmos a 3° e a 4° camadas de significados, poderemos compreender que houve um esforço para desacreditar a presidenta eleita, justamente pelo fato de ter-se aberto uma “brecha temporal”, após a reeleição de Dilma, que venceu o pleito por uma margem pequena de votos, e que levou nomes como: Aécio Neves e Eduardo Cunha, a questionarem o processo eleitoral e também a acusarem Dilma injustamente, - como ficou demonstrado pelo próprio parecer do Tribunal de Contas da União - de um suposto “crime de responsabilidade fiscal” que ensejaria uma possibilidade legítima e conforme à Constituição, para apelar do poder uma presidenta que incomodava sobremaneira muitos interessados em assumir esse mesmo poder, à qualquer custo. Com a conivência da imprensa publicitária de massa, o golpe se consumou. Como pano de fundo, poderíamos aventar a possibilidade de que o golpe de 2016 contou com o apoio de um inimigo externo, os Estados Unidos da América, que através da Lava Jato, trabalharam para apropriarem-se do petróleo localizado no Pré-sal brasileiro.

No caso de Bolsonaro, o processo se passou diferentemente: primeiramente, podemos descartar, no caso do rei das rachadinhas, a possibilidade de que sua tentativa de “golpe de Estado” pudesse ser compreendida da forma expressa na primeira camada de significados, como algo

positivo e que levaria à salvar a pátria e preservar a liberdade. Muito pelo contrário. Sua tentativa de golpe de Estado pode ser compreendida, em nosso entender, através das três outras camadas de significados. Tentou-se de forma política e contra a Constituição, tomar de assalto a sede do poder central. Acreditou-se haver uma brecha na estrutura do poder, mesmo após a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva. Contudo, o golpe fracassou, em nosso entender, primeiramente porque, no Brasil contemporâneo o fator “segredo”, necessário para a eficácia do golpe, não era possível; dado que após ou em concomitância com a tomada violenta do poder, era preciso a adesão popular, que conseguida através das mídias sociais.

Outro fato fundamental foi que o golpe, desta vez, não dispunha de aliados externos poderosos. As mudanças no poder em vigor nos Estados Unidos da América fizeram com que, talvez pela primeira vez na história, nossos interesses estivessem em consonância com os deles. Os mesmos inimigos que fomentaram a tentativa de tomada do Capitólio nos EUA, ajudaram a arquitetar a tomada de Brasília. Mas a comunidade internacional já havia sido alertada sobre essa possibilidade, inclusive pela inépcia de Bolsonaro; e tão logo Lula assumiu o poder, sua posse foi referendada, inicialmente pelo Governo dos Estados Unidos e na sequência por vários membros da comunidade Europeia, América Latina, Rússia, China etc...

Os militares golpistas, dessa vez não puderam contar com o apoio histórico dos Estado Unidos, que sempre apoiaram e financiaram os golpes na América Latina. O golpe naufragou, ao menos provisoriamente, mas isso não resolve a questão. Ainda estamos na presença de múltiplos inimigos íntimos de nossa democracia.

Antes de finalizarmos nossa reflexão, gostaríamos de mencionar brevemente a ideia apresentada e desenvolvida longamente no livro *Le choix de la guerre civile : une autre histoire du néolibéralisme*. Neste livro, publicado em 2021, os autores examinam a emergência de uma onda de governantes autoritários que vêm marcando a cena política mundial. Bolsonaro não foi esquecido por eles, pelo contrário, o antigo presidente do Brasil, é mencionado desde o prefácio. Vejamos:

A sequência histórica marcada pelas vitórias eleitorais de Donald Trump e de Jair Bolsonaro, assim como pela difusão em larga escala de modelos de governo nacionalistas, autoritários e racistas, foi o ponto de partida de nosso trabalho coletivo sobre o lugar da violência e a dimensão da guerra civil na história do neoliberalismo (Dardot, 2021, p. 7. NT).

Os autores do livro filiam o ex-presidente do Brasil ao grupo de dirigentes autoritários que, seguindo a lógica da extrema direita neoliberal, fomentam a violência e a guerra civil, em seus países. Através de discursos armamentistas e de posturas francamente racistas, homofóbicas e antidemocráticas levam parcelas mais radicais e ideologizadas à se armar e a cometerem atos violentos e atentatórios ao Estado Democrático de Direito, tal como vivenciamos em janeiro de 2023.

Desde a introdução do livro, os autores se determinam a desvelar as estratégias de guerra civil empreendidas pelo neoliberalismo e a escolha mais ou menos velada de uma opção pela violência e pela repressão no trato com seus cidadãos, que gera uma verdadeira guerra civil nos países nos quais conseguem se alçar ao poder. Vejamos:

O neoliberalismo, desde seu início, fez uma escolha verdadeiramente fundacional, a escolha da guerra civil. E esta escolha continua hoje, direta ou indiretamente, a comandar suas orientações e políticas, mesmo quando elas não envolvem o uso de meios militares. (Dardot, 2021, p. 9. NT)<sup>2</sup>

Exemplos disso não nos faltam. Para além daqueles fornecidos pelos autores podemos mencionar ainda que de forma não exaustiva, as incursões neoliberais na América Latina, tais como as tentativas constantes de golpe de Estado na Venezuela, com o auto-intitulado presidente Guaidó, o golpe de Estado praticado na Bolívia em 2019, e felizmente revertido pela força e resitência das populações indígenas do país. Soma-se a isso, a mais recente tentativa de golpe de Estado, perpetrada novamente na Bolívia, em junho de 2024, na qual tanques foram posicionados na Praça Murillo. Esta nova *quartelada*, na qual se tentou invadir o antigo Palácio do Governo, sendo que o presidente já governava à partir do novo Palácio, resultou na demissão e na prisão do incompetente General Zúñiga e na manutenção do presidente eleito, Luiz Arce, em seu posto. Some-se a isso as turbulências recentes fomentadas no Peru e, finalmente, a tentativa malfadada de golpe de Estado ocorrida em 8 de janeiro de 2023 no Brasil e veremos o quão na moda está, invectivar contra as democracias.

---

<sup>2</sup> “Le néolibéralisme procède dès ses origines d’un choix proprement fondateur, le choix de la guerre civile. Et ce choix continue aujourd’hui, directement ou indirectement, de commander ses orientations et ses politiques, y compris lorsqu’elles n’impliquent pas l’emploi des moyens militaires” (Dardot et al., 2021, p. 9. NT).

Após a tentativa de golpe de Estado e abolição violenta do Estado de Direito, já em 2023, ocorreram algumas prisões de civis e militares, dentre os quais se destaca o ex -ajudante de ordens do ex- presidente Jair Bolsonaro; o tenente coronel Mauro Cid, peça chave na investigações em curso. Mas, após mais de um ano de relativo silêncio da justiça e expectativas por parte dos cidadão brasileiros, uma nova fase das investigações veio a público. Conforme matéria disponível no site G1:

A Polícia Federal indiciou o ex-presidente Jair Bolsonaro; o ex-ministro da Defesa Walter Souza Braga Netto, candidato a vice pelo PL nas eleições de 2022; e o ex-ajudante de ordens tenente-coronel Mauro Cid por tentativa de golpe de Estado. Outras **34 pessoas** também foram indiciadas. Na lista, estão ex-ministros do governo Bolsonaro, ex-comandantes do Exército e da Marinha, militares da ativa e da reserva e ex-assessores do ex-presidente (G1. 21/11/2024).

A atualização dos eventos se deu após o ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes, ter retirado o sigilo do relatório da Polícia Federal (Nº4546344/2024 2023.0050897-CGINT/DIP/PF), que investiga a tentativa de Golpe de Estado e abolição violenta do Estado Democrático de Direito. O *Relatório*<sup>3</sup> apresenta também o famigerado “Punhal verde e amarelo”, plano para assassinar os integrantes da chapa eleita, o atual presidente, Luiz Inácio Lula da Silva e seu vice, Geraldo Alkmin, além do próprio Ministro Alexandre de Moraes, então presidente do Tribunal Superior Eleitoral -TSE. O relatório de 884 páginas, aponta para a participação do grupo composto por vários dos chamados “Kids pretos”, membros das forças especiais do exército brasileiro, nas tentativas de assassinato. Ainda conforme o *Relatório*, para além de muitos militares de alta patente, ex-ministros de Estado, etc... o plano de Golpe contava inclusive com um padre, responsável pela “oração do golpe”. Mas a informação mais fundamental talvez seja aquela que indica a participação ativa do ex-presidente Jair Bolsonaro na trama golpista e criminosa. Nesta outra linha de investigação, foi investigada a elaboração do “ato jurídico” criado para legitimar os crimes perpetrados, e nela é citada a participação direta do ex-presidente Jair Bolsonaro, evidenciando que o mesmo tinha plena consciência dos fatos em andamento. Conforme o *Relatório* (Nº4546344/2024 2023.0050897-CGINT/DIP/PF, p. 16):

---

<sup>3</sup> “No contexto da presente investigação apurou-se a constituição de uma organização criminosa, com seus integrantes atuando, mediante divisão de tarefas, com o fim de obtenção de vantagem consistente em tentar manter o então Presidente da República JAIR BOLSONARO no poder, a partir da consumação de um Golpe de Estado e da Abolição do Estado Democrático de Direito, restringindo o exercício do Poder Judiciário e impedindo a posse do então presidente da república eleito” (Relatório Nº4546344/2024 2023.0050897-CGINT/DIP/PF,p.5.).

Em outra linha de atuação relacionada a confecção do “ato jurídico” que concretizaria o Golpe de Estado, integrantes do denominado núcleo jurídico da Organização Criminosa, reuniram-se com o então presidente da República JAIR BOLSONARO, no Palácio do Planalto para a elaboração do decreto presidencial. Nesse contexto, os elementos de prova colhidos evidenciaram a participação de JAIR BOLSONARO, FILIPE MARTINS, ANDERSON TORRES e AMAURI FERES SAAD na confecção da minuta de decreto(...)

A publicação do *Relatório* na íntegra, e a prisão de 37 envolvidos nas tentativas criminosas de golpe de Estado, renovaram as esperanças de amplas parcelas da população brasileira em relação à Justiça, e provavelmente arrefecerá as tentativas de anistiar os bandidos mencionados. Além disso, uma notícia alvissareira se deu no dia 14 de dezembro de 2024, com a prisão do General Walter Braga Netto, que foi candidato à vice presidência na chapa de Bolsonaro, em 2022. Um general de quatro estrelas preso por planejar um golpe de Estado e agir contra a Democracia é algo raro no Brasil, e renovou as esperanças de cidadãos e cidadãs brasileiros que defendem a Democracia e a liberdade de pensamento. Existe uma percepção de que a saída histórica tradicional, de anistiar bandidos golpistas que atentaram Democracia de nosso país, não se repetirá desta vez.

Se o golpe de 2023 não perseverou, os mais de um milhão de novos *Colecionadores e Atiradores Desportivos e Caçadores*, os famosos CACs, que dispõem hoje de milhões de armas, muitas delas que eram de uso exclusivo do exército, aliados à setores ideologizados e fanatizados das polícias e das forças armadas, somados ainda a setores da economia bancária e agrária que ficam muito à vontade com governantes autoritários, e ainda parcelas fanatizadas por padres e sobretudo pastores mercenários, continuam a tentar corroer nossas, ainda frágeis, estruturas democráticas. Os inimigos estão entre nós e é preciso ficarmos atentos. Para finalizar, é preciso lembrar que a anistia de atos tão vis poderia ensejar o encorajamento de novos bandidos que podem atentar contra a Democracia brasileira. Nesse sentido, nosso desejo mais profundo é o de que não haja nenhum tipo de anistia para os bandidos mencionados. Oxalá, meu pai!

## REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **Sobre a revolução**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BECKER, Evaldo. Ameaças à Democracia: Resenha do livro Os inimigos íntimos da democracia de Tzvetan Todorov. In: **Candeeiro**: Revista de política e cultura da seção sindical dos docentes da UFS. Ano XIII, Vol. 21, 2013, p. 63-65.

BIGNOTTO, Newton. **Golpe de Estado: história de uma ideia**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

DARDOT, Pierre; GUÉGUEN, Haud; LAVAL, Christian; SAUVÊTRE, Pierre (Orgs.). **Le choix de la guerre civile**: Une autre histoire du néolibéralisme. Montréal: Luxe Éditeur, 2021.

César Tralli, Vinícius Cassela, Gustavo Garcia, Marcelo Parreira, Mariana Laboissière, TV Globo e g1, Brasília. **Veja quem é quem na lista dos indiciados pela PF por suposta tentativa de golpe de Estado**. Publicada em 21/11/2024 . Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/11/21/veja-lista-dos-indiciados-pela-policia-federal-no-inquerito-sobre-tentativa-de-golpe-de-estado.ghtml> Acesso em 10/12/2024.

MAQUIAVEL, Nicolau. **Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio**. Tradução MF. Revisão técnica de Patrícia Fontoura Aranovich. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

POLÍCIA FEDERAL. Relatório Final Sobre Tentativa de Golpe de Estado e Abolição Violenta do Estado Democrático de Direito. N°4546344/2024 2023.0050897-CGINT/DIP/PF Disponível em <https://www.documentcloud.org/documents/25418170-relatorio-final-pf-site-2024-1/>

SEHELLART, Michel. **Les arts de gouverner**: du regimen médiéval au concept de gouvernement. Paris : Éditions du Seuil, 1995.

TODOROV, Tzvetan. **Os inimigos íntimos da democracia**. Tradução de Joana Angélica d'Avila Melo. São Paulo: Companhia da Letras, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **O espírito das Luzes**. Tradução de Mônica Cristina Corrêa. São Paulo: Barcarolla, 2008.